

# "A sociedade branca é uma capa, que o índio usa para sobreviver"

Neste depoimento ao repórter José Paulo Borges, Marcos Terena, fundador e atual presidente da União das Nações Indígenas, defende a preservação da identidade índia



"Meu nome é Marcos Terena, sou oriundo de uma aldeia chamada Bananal que fica no posto indígena de Toné, Mato Grosso do Sul. Por circunstâncias que desconheço me vi obrigado a enfrentar a realidade da sociedade brasileira, aprendendo a ler e a escrever e, assim, iniciando uma integração gradual no contexto nacional, no que se refere a padrões da sociedade envolvente: a sociedade brasileira.

"Atualmente estou morando em Brasília, na Casa do Ceará. Estudo por minha conta mesmo na Universidade Católica de Brasília, onde faço o quinto semestre de administração de empresas. Também circunstancialmente, me vi envolvido na luta pelos direitos dos povos indígenas porque aprendi a me identificar e a reconhecer que, como índio — minha cara não nega — não poderia fugir à responsabilidade de índio e, como tal, deveria zelar não somente pelo nome de índio, mas, também, para a busca da concretização dos ideais de índio."

## O NASCIMENTO DA UNIND

"Como havia várias tribos representadas por estudantes de Brasília, tornou-se necessário a criação de um grupo de estudantes indígenas para defender seus direitos, para reivindicar aquilo que estava assegurado no Estatuto do Índio e, também, ponderar as diversas diretrizes que a Funai tomava com relação às questões indígenas, bem como servir — o que era principal — de veículo de entrosamento da Funai com a comunidade indígena. Foi assim que surgiu a Unind — União das Nações Indígenas — em abril do ano passado.

"Por diversas vezes nos colocamos à disposição da Funai e jamais conseguimos dela palavra de aprovação porque sempre fomos considerados meninos, principiantes, e jamais fomos considerados pessoas capacitadas para esse tipo de trabalho. Atualmente, no entanto, a Funai já está tomando certos cuidados com a gente, sob a orientação do coronel Ivan Zanoni, diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário, segundo ele, um ex-estrategista da FAB.

"De prático a Unind conseguiu mover o SNI no sentido de cobrar da Funai estudos visando a modificação do Estatuto do Índio, uma vez que ele é omissivo no caso de associações indígenas, pois essas organizações não estavam nos planos da Funai.

"Ameaças físicas pela minha atuação? Em termos. Como eu moro na Casa do Ceará, que tem certo compromisso com a Funai por causa de um convênio, ela procura atender a Funai naquilo que a Funai quer. Mas, muitas vezes, meu quarto foi visitado por pessoas desconhecidas, durante o dia, quando estou fora. Essa é uma forma de coação, o que, no entanto, não tem me intimidado porque penso que acima de tudo está o objetivo a ser



Ilustração de Morizo

alcançado: a autodeterminação do índio como homem, como gente."

"Os índios estudantes de Brasília lançaram este ano um poster com a frase "Posso ser o que você é sem deixar o que eu sou". Isso porque a Funai tinha um adesivo de carros dizendo "índios e não índios, todos brasileiros".

## "O ÍNDIO DEVE CONTINUAR ÍNDIO"

"Então, a gente pensa que o índio deve continuar como índio mas adentrando à sociedade e tirando o que é bom da sociedade para si e para sua comunidade, mas sem deixar de lado os costumes indígenas. Conservando a cultura, a língua, as credências, os contos indígenas, e, no entanto, usando roupas como todo mundo. Mas lá no seu habitat, na sua aldeia, conservando seus costumes de índio. Quer dizer, a sociedade envolvente, seus costumes, seriam apenas uma capa. Por uma questão de sobrevivência, o índio usaria essa capa, assim como você usa uma capa para se proteger da chuva. A capa do índio seria para ele sobreviver, sua cultura não se apagar, e permanecer como povo caracteristicamente diferente.

"Quanto à emancipação, a primeira crítica é que, com ela, o índio não poderia se reunir em comunidade. Seria uma integração que desintegraria, porque se ele não tem terra, se a terra é revertida para a União, consequentemente o índio vai ficar ao léu, vai se tornar um marginal, se desmembrar até desaparecer. Então, são esses os cuidados que a gente tem com a emancipação, mas isso não significa

que o índio não tenha condições de tomar conta de si mesmo, de dar sentido ao seu patrimônio. Acima de tudo, há o medo de ser usada a emancipação para dar fim ao índio, porque o índio não é um elemento econômico. Ele não produz, mas tem capacidade para aprender a fazer isso.

"Uma pessoa que está buscando seus direitos seria uma pessoa incômoda? Ser visto como uma pessoa incômoda é uma coisa muito triste, chocante. Mas se incomodo, naturalmente, devo estar incomodando pessoas que não têm sentimento de brasilidade, pois antes de tudo o Brasil era do índio e, hoje, ele está caminhando para onde, para uma indefinição? Não sei.

## AS DIFICULDADES COM A FUNAI

"Todas as questões referentes ao índio-estudante, os atritos e problemas com a Funai, nasceram do coração desse coronel Zanoni. Esses atritos, divergências, fizeram com que ele demitisse, primeiramente, pessoas como antropólogos, educadores, ser-tanistas etc, e trouxesse para sua equipe pessoas sem o mínimo conhecimento de assuntos ligados ao índio, quer no aspecto sociológico ou antropológico. E esses elementos, orientados por ele, primeiro, tiveram o trabalho de traçar um perfil nosso para nos encaminhar a uma emancipação "ex-officio" (o que significa que os índios líderes "incômodos" poderiam ser separados de suas comunidades). Por isso é que estamos na retaguarda, na expectativa, pois o Estatuto prevê apenas que o índio

pode ou deve requerer sua emacipação. Mas ele não diz como ficaria o índio depois de emancipado: se ele continuaria como índio, com seus direitos de índio. Ora, se a gente tem o Estatuto e já está sofrendo dificuldades, perseguições, quanto mais sem a proteção da União tanto para a pessoa física como para o patrimônio.

"Minha aldeia, em Toné, tem em torno de dois a três mil habitantes. Ela tem crescido a ponto de atrair estudos antropológicos, porque, geralmente, a tendência de um povo em contato com outro maior é ser absorvido por este. Mas a aldeia está se aculturando dia a dia. Lógico que tem o lado antigo que conserva a tradição, mas os novos têm as duas culturas quase que paralelas.

"Meu povo está me olhando como uma pessoa que futuramente trará alguns benefícios para a aldeia. Ele tem essa esperança de que, no futuro, aquilo que eu aprender na sociedade envolvente possa ser útil para a aldeia."

## A MULHER NA TRIBO E A INFILTRAÇÃO BRANCA

"Na aldeia a mulher está sob a responsabilidade do homem, mas isso não significa que o homem não respeite a mulher. Não significa que a mulher seja discriminada. Há um consenso familiar muito grande e um respeito maior ainda do homem para com a mulher, da mulher para com o homem.

"Ultimamente tem havido infiltrações brancas no seio da família Terena. A menina terena muitas vezes é levada por famílias brancas para trabalhar em cidades próximas. Geralmente, essas meninas voltam para a aldeia já em fase de gestação. Elas são usadas por pessoas de fora. Bem, nesses casos a aldeia tem procurado uma solução assim...que não fira...que não traga intriga entre o branco e o índio. Sabe, o índio é a parte mais fraca e o terena já tem uma experiência anterior de submissão e de opressão que tem levado o povo a se tornar cada vez mais desconfiado.

"Lá na aldeia não temos lendas, só credências. Por exemplo, a gente tem uma credência que diz que é possível colocar uma doença em uma pessoa e fazer ela ir minguando até morrer. Temos essas crenças mas a gente respeita isso, pois tem um lado positivo porque é uma forma de cultura antiga.

"A criança terena deve ser educada adequadamente, harmoniosamente, dentro da sociedade envolvente, mas buscando preservar sua cultura, sua língua, suas tradições, sem jamais esquecer suas origens e sua etnia. É isso para que olhem o índio como uma criança que está procurando ser igual em benefícios e informações. Dentro da minha herança indígena, o principal é que tenho procurado preservar o sentido de honestidade e dignidade. Porque aprendi a falar pouco mas com pureza. E o que para vocês é pureza, para nós é honestidade, sinceridade."